

TRADIÇÕES CERAMISTAS ANTIGAS E A OCUPAÇÃO HUMANA NO BRASIL CENTRAL NO HOLOCENO INICIAL

André Egidio Pin

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

RESUMO: As pesquisas arqueológicas no Brasil Central oferecem importantes contribuições para a compreensão dos processos de ocupação humana desde o Pleistoceno até o Holoceno. Diferentes teorias apontam para a utilização de rios como principais vias de deslocamento, permitindo a colonização de ambientes variados e férteis. Nesse contexto, destacam-se as tradições arqueológicas Itaparica e Umbu, associadas a caçadores-coletores que desenvolveram estratégias de exploração generalistas e adaptadas às condições climáticas regionais. Evidências líticas e arqueológicas revelam práticas de subsistência baseadas na caça, coleta e uso de frutos do cerrado, além da produção de artefatos líticos e cerâmicos. Este trabalho busca demonstrar os dados arqueológicos e etnográficos sobre a ocupação do Brasil Central, com destaque para a Tradição Itaparica, ressaltando sua importância para a compreensão das dinâmicas populacionais, tecnológicas e ambientais.

Palavras-chave: Tradições ceramistas; Tradição Itaparica; Ocupação humana; Brasil Central

INTRODUÇÃO

O Brasil Central constitui uma região estratégica para o entendimento da ocupação pré-histórica da América do Sul, pois reúne sítios arqueológicos que documentam a presença humana desde o final do Pleistoceno¹. As pesquisas indicam que os povos antigos desenvolveram distintas estratégias de mobilidade, exploração e adaptação ao ambiente, resultando em tradições arqueológicas como Itaparica e Umbu (Bueno & Dias, 2015; Pereira, 2020).

Este estudo disserta sobre a ocupação do Brasil Central a partir de dados arqueológicos publicados em literatura especializada. As fontes indicam que o cerrado brasileiro teve frentes de ocupação organizadas desde pelo menos 12 mil anos antes do presente – A. P.. Os estudos evidenciam que as populações eram caracterizadas por atividades de caça, agricultura, produções líticas e cerâmicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se baseou em revisão bibliográfica e documental de trabalhos clássicos e recentes da arqueologia e história brasileira, com ênfase nos estudos sobre ocupação humana no Brasil Central. A metodologia adotada segue uma

¹ Era geológica que durou entre cerca de 3 milhões e 12 mil anos antes do presente.

abordagem histórico-descritiva, estruturada em três etapas, baseada em levantamento bibliográfico para selecionar obras que abordam teorias de ocupação da América do Sul, tradições arqueológicas do Brasil Central e indústrias líticas; análise documental, utilização de mapas, esquemas cronológicos e registros arqueológicos e; sistematização dos dados, comparando as informações em categorias temáticas, como padrões de assentamento, estratégias de subsistência, produção lítica e concepções teóricas

O enfoque metodológico também inclui a análise da terminologia arqueológica, especialmente no que diz respeito ao uso de categorias como “caçadores-coletores”, “agricultores” e “ceramistas”. Pereira (2020) destaca que, a partir da década de 1990, tais denominações passaram a ser escolhas interpretativas, o que exige reflexão crítica na aplicação desses conceitos.

RESULTADOS

Os dados analisados indicam que a ocupação do Brasil Central foi complexa e heterogênea, resultando de diferentes levas migratórias entre o Pleistoceno e o Holoceno. Uma das primeiras levas de ocupação teria ocorrido 12 mil anos AP² e está relacionada à Tradição Itaparica, cuja dispersão ocorreu a partir da Floresta Tropical e do Cerrado.

Populações utilizaram principalmente os rios como vias de deslocamento, caracterizando o chamado “modelo fluvial”. Os sítios arqueológicos desse período incluem abrigos sob rocha e áreas a céu aberto no médio curso do rio Tocantins. A ocupação dos cerrados pela Tradição de Itaparica ocorreu a partir de 12 mil anos AP (embora existam achados mais antigos). As populações pertencentes a essa Tradição ocuparam uma área de aproximadamente 2 milhões de quilômetros quadrados nos

² Cabe destacar que existem teorias que explicam que a ocupação humana nas Américas é mais antiga que 12 mil anos AP. De acordo com Niède Guidon (1992, p. 38), grande parte da comunidade científica é “[...] reticente a aceitar o fato de que o Homem penetrou no continente americano há mais de 30 mil anos, já que sua chegada à América do Sul não poderia ser mais antiga do que 12 mil anos. Esse ceticismo resulta de uma posição em favor de uma linha explicativa proposta na década de 50. Segundo tal teoria as migrações pré-históricas somente poderiam ser feitas por terra. Assim, para povoar a América o Homem teria passado da Sibéria através da Beríngia, para o Alasca. Essa passagem seria possível em momentos em que o mar tivesse alcançado cotas mais baixas que a atual, deixando descoberto a vasta planície que constitui o fundo do mar de Bering. Esses grupos teriam ficado no Alasca até que o degelo permitisse que descessem para o sul da América do Norte e daí para a América Central e a do Sul. Por essa suposição axiomática toda datação da presença humana no continente americano deve ser mais antiga no hemisfério Norte e, portanto, qualquer datação mais antiga do que a data limite de 12 mil anos não pode ser válida para a América do Sul”.

estados do MT, MS, GO, TO, MG e BA. Nesse período aproximado de 12 mil anos antes do presente, sociedades humanas podem ter coabitado o cerrado com as espécies da megafauna³ (BARBOSA, 2021).

Em termos de indústria lítica, a Tradição Itaparica é caracterizada pela produção de instrumentos plano-convexos feitos para raspar ou cavar, também chamados de “lesmas”. Esses artefatos foram amplamente distribuídos em diferentes regiões do Cerrado, indicando homogeneidade tecnológica, mas também variações inter-regionais que sugerem contato cultural (BARBOSA, 2021)

Por fim, a expansão das populações há cerca de 12 mil a.p. consolidou a ocupação efetiva do interior do Brasil, demarcando fronteiras e ampliando territórios já conhecidos, o que reforça a noção de persistência cultural e adaptação ao ambiente. Nesse período, havia ainda grandes manchas de cerrado na região da Amazônia, o que pode ter facilitado meios de sobrevivência para as sociedades que lá se estabeleceram ou passaram. Esse período também coincide com a extinção dos megatérios, tigres dente-de-sabre, gliptodontes, mastodontes, entre outras espécies da chamada megafauna⁴.

CONCLUSÃO

A ocupação do Brasil Central no período de transição Pleistoceno-Holoceno revela um processo dinâmico e heterogêneo, marcado pela mobilidade fluvial, pela exploração generalista do ambiente e pela produção de indústrias líticas e cerâmicas, como a Tradição Itaparica. Além disso, os dados arqueológicos evidenciam a importância dos conceitos de persistência e continuidade cultural para a compreensão da pré-história sul-americana. Essas tradições demonstram que os povos caçadores-coletores do Cerrado desempenharam papel relevante na formação de redes de

³ A megafauna se refere aos animais de grande porte que habitaram as Américas como mamutes (*Haplomastodoni*), preguiças gigantes (*Eremtherium*), tatus gigantes (*Glipodontes*) e tigres-dentes-de-sabre durante milhões de ano e foram extintos por volta de 12 mil anos AP (Pleistoceno) (BARBOSA, Altair Sales; ARAÚJO). Ilustrações da megafauna podem ser acessadas [nesse link](#).

⁴ Megafauna refere-se às espécies de grande porte, pesando toneladas, que habitaram o território hoje brasileiro, entre outros espaços. Do ponto de vista da biodiversidade, esses animais foram importantes agentes dispersores da fauna. No caso do cerrado, podemos destacar espécies como o pequi, o jatobá, o buriti, entre outras (BARBOSA, 2020).

interação e transmissão cultural, consolidando-se como agentes ativos na construção das paisagens arqueológicas do Brasil Central.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. S.; ARAÚJO, A. G. (2020). Tecnologias Líticas e a Tradição Itaparica no Cerrado brasileiro. *Carta Arqueológica de Goiás*. Publicada em 1972; reordenada em 2009.

BARBOSA, A. S.; ARAÚJO, L. M.. Pré-História do Cerrado. *Élisée, Rev. Geo. UEG – Goiás*, v. 9, n. 2 jul/dez 2020.

BARBOSA, A. S. Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do Cerrado. Formosa/GO: Xapuri Editora, 2021.

PEREIRA, T. M. G. Dados arqueológicos e etnográficos sobre os povos do Brasil Central e a alimentação. *In: PEREIRA, T. M. G. Saberes e fazeres Javaé: estudo das práticas tradicionais alimentares indígenas da década de 1990 a 2020. Tese (Doutorado em História). Goiânia, UFG, 2020. pp. 207-260.*